

## Escalpelamento Nos Rios Da Amazônia<sup>1</sup>

Iuri de Oliveira RAMOS<sup>2</sup>

Bianca Silva ALVES<sup>3</sup>

Leonardo Souza CHAVES<sup>4</sup>

Mayara Mira Coelho DIAS<sup>5</sup>

Jhenni Suelen Costa QUARESMA<sup>6</sup>

Isabel Regina AUGUSTO<sup>7</sup>

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

### RESUMO

Escalpelamento é o arrancamento brusco do escalpo humano, geralmente por motores de embarcações, problema muito frequente na região Amazônica, devido o meio de locomoção das populações ribeirinhas ser predominantemente fluvial. A reportagem “Escalpelamento nos Rios da Amazônia” foi desenvolvida para a disciplina “Telejornalismo” durante o 4º semestre da turma de Jornalismo 2013 da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e visa apresentar ao restante do país um problema grave que ocorre na região Norte. Assim como contribuir para a conscientização do problema junto à população afetada pelo mesmo. Para isso, utilizou-se uma câmera NIKON D3100, disponibilizada pelo curso de Jornalismo da UNIFAP.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Reportagem; Escalpelamento; Amazônia.

### INTRODUÇÃO

A Floresta Amazônica é considerada a maior bacia hidrográfica do planeta. Em face dessa realidade, onde rios são ruas, muitas comunidades só podem se locomover através de embarcações, tornando-se um cenário propício para acidentes graves como o *escalpelamento*.

O *escalpelamento* ocorre quando uma pessoa se aproxima do eixo descoberto entre o motor e a hélice, tendo os cabelos puxados pela forte rotação deste, arrancando todo ou parte do couro cabeludo, sobrancelhas, orelhas e, dependendo do caso, grande quantidade da pele do rosto e do pescoço, causando deformações na vítima e podendo leva-la à morte.

Segundo relatório da Capitania dos Portos da Amazônia Oriental, de 1979 a 2014 foram registrados 258 casos de *escalpelamento*. O ano de 2002 foi o que apresentou maior número de acidentes, com 38 no total. As principais vítimas são mulheres (80%), sendo a maioria

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e acadêmico do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, repórter da matéria, email: iuri.oliveiramos@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: simplebia@hotmail.com.

<sup>4</sup> Acadêmico do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: chavesleonardo@gmail.com.

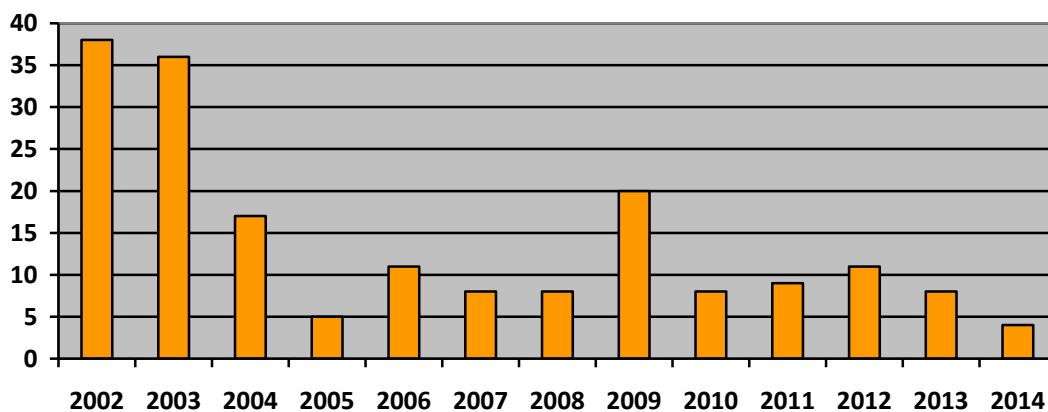
<sup>5</sup> Acadêmica do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: may\_\_dias@hotmail.com.

<sup>6</sup> Acadêmica do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: jhenniquaresma@gmail.com.

<sup>7</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: isabelaugusto2005@yahoo.com.br..

constituída por crianças com faixa etária entre os cinco e os 16 anos, seguido de indivíduos entre 17 a 30 anos e, por último, pessoas acima de 31 anos.

**Tabela 1: Casos de Escalpelamento nos Rio da Amazônia- 2002 a 2014**  
Fonte: Capitania dos Portos



Na tentativa de impedir novos acidentes a Capitania dos Portos realiza campanhas preventivas, com foco no cumprimento da Lei 11.970/2009, que torna obrigatório o uso de proteção no volante e no eixo do motor de qualquer embarcação que trafegue pelos rios da Amazônia. A Capitania também intensificou campanhas de conscientização e orientação sobre procedimentos básicos para prevenir acidentes. Além disso, a Marinha do Brasil distribui gratuitamente cobertura para proteção do eixo do motor. De 2009 a 2014 foram cobertos aproximadamente quatro mil eixos de embarcações.



Figura 1: Modelo de cobertura de eixo de motor disponibilizado pela Capitania dos Portos desde 2007

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a televisão encontra-se em 90% das residências brasileiras, o que comprova a ideia de que a TV “é a principal fonte de informação e diversão de uma parte significativa dos brasileiros” (BISTANE; BACELLAR, 2010, p. 09). Porém, a falta espaço dada pela imprensa brasileira a conteúdos amazônicos, faz com que o restante do país acabe ficando desinformado do que acontece na Região Norte do Brasil. Sobretudo, a televisão pode e deve ser um importante aliado para a conscientização dos ribeirinhos, além de poder aguçar a criticidade dessa população.

Após seis décadas e com as transformações na produção e consumo de mídia com a introdução das novas tecnologias digitais, “o telejornal ainda é o produto de informação de maior impacto na sociedade contemporânea e lugar de referência na vida social cotidiana” (BECKER, 2005; VIZEU, 2008 apud BECKER e MATEUS, 2010, 131). Vale ressaltar que, como afirmam Beatriz Becker e Laura Mateus em “O melhor telejornal do mundo: um exercício televisual” (idem, p. 131), “a televisão e os noticiários podem funcionar como instrumentos fundamentais na ampliação ou restrição do interesse público e da expressão dos diferentes atores sociais”.

A televisão permite a aproximação do fato com a realidade do telespectador. Por exemplo, um dono de embarcação que navega sem a cobertura do eixo do motor, certamente ficará comovido ao ver a dor que o *escalpelamento* gera a vítima do acidente, levando-o assim a procurar esclarecimentos a respeito de como cobrir o eixo. Essa é a principal função da reportagem, a sensibilização e conscientização ao humanizar o tratamento do tema na reportagem, pegar o público pela emoção, mas sem menosprezar a razão e os fatos relevantes.

## **OBJETIVO**

Dar visibilidade através de uma reportagem telejornalística para um problema que ocorre nos rios da Amazônia, atingindo homens e mulheres que, por um descuido ou desatenção, tem seus cabelos arrancados brutalmente pelo eixo do motor de embarcação. Questionar as autoridades sobre o porquê de mesmo com a lei 11.970/2009 ainda existirem embarcações que descumprem a lei e navegam de maneira irregular, gerando risco de novos casos de *escalpelamento*.

Buscou-se, ainda, contar a dura história de vítimas de *escalpelamento* e avaliar os efeitos que o acidente provoca na pessoa, na família, na comunidade local e na sociedade em geral. Por fim, fazer com que as pessoas se conscientizem de que um problema tão grave pode ser resolvido com uma atitude muito simples: a atualização de cobertura no eixo do motor.

## **JUSTIFICATIVA**

A escolha do tema aconteceu após experiência vivida no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2014 em Foz do Iguaçu, quando em um minicurso, o aluno líder deste trabalho relatou sobre os casos de *escalpelamento* existentes na Amazônia e, em um grupo de aproximadamente 15 pessoas, ninguém havia sequer ouvido falar no assunto. Retornando ao Amapá coincidiu de estarmos cursando a disciplina de Telejornalismo, foi então que o acadêmico convenceu seus colegas a escolherem o tema

*escalpelamento* para a pauta da reportagem. Com isso, o grupo esperava dar enfoque, em proporção nacional, a um problema muito frequente na região Amazônica.

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o trabalho foi escolhido o formato Reportagem, gênero jornalístico que transmite uma informação por meio do jornal impresso, rádio, revista, televisão. O objetivo da reportagem é levar os fatos ao leitor ou telespectador de maneira abrangente, para tal, é necessário um fator essencial a um jornalista: falar bem e escrever bem.

A reportagem, se televisionada, deve ser transmitida por um repórter que possui dicção pausada, clara e linguagem direta, precisa e sem incoerências. Além de saber utilizar a entonação que dá vida às palavras.

Reportagem – Aplicado principalmente no gênero Telejornalismo, é um formato de curta duração. Estende a duração quando aplicado no gênero Documentário. Associado a outros formatos, como o Câmera Oculta e Narração em Off, dá condições para o desenvolvimento do jornalismo investigativo. Em geral, o formato Reportagem deixa o repórter em evidência, narrando um assunto e fazendo entrevistas (ARONCHI DE SOUZA, 2003, p.172).

O primeiro passo do trabalho foi à construção da pauta, que para Cremilda Medina (2005), é o ponto de partida do processo jornalístico, devendo ela, inevitavelmente, passar pela triagem dos princípios que regulam o processo jornalístico - atualidade, periodicidade, universalidade e difusão – conforme teorizou Otto Groth. Por isso, toda pauta precisa de um gancho<sup>8</sup>.

Como o assunto ainda é pouco pesquisado, a entrevista<sup>9</sup> com as fontes foi a principal ferramenta de captação de informações. No entanto, por se tratar de um assunto delicado para as vítimas, tivemos receio de que nossa entrevista tendesse a levar ao que Cremilda Medina (2005, p. 14) chama de “espetacularização do ser humano”. Por isso, nos baseamos no subgênero da compreensão do “Perfil Humanizado”.

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (MEDINA, 2005, p.18).

Para as fontes oficiais (Capitania dos Portos e a Secretaria de Saúde do Amapá) adotamos o modelo de entrevista conceitual, onde “o entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém” (MEDINA, 2005, p.16)

---

<sup>8</sup> “Gíria de redação para, de uma só tacada, qualificar um fato de atualidade e universalidade” (MEDINA, 2005, p. 22).

<sup>9</sup> “Técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2005, p. 8).

Escolhemos balancear a reportagem com sonoras<sup>10</sup>, Off<sup>11</sup> e passagem<sup>12</sup>. Durante o processo de captação de imagens tivemos alguns problemas com o áudio, já que a câmera NIKON D3100 não vem acompanhada de microfone. Tentando sanar esse problema, gravamos com a câmera e também o áudio com o celular.

Em televisão, construir a matéria é como montar um quebra-cabeça. Algumas peças se encaixam melhor na passagem do repórter, outras nos textos selecionados das entrevistas e as restantes compõem o Off, que será coberto por imagens. O segredo é saber o que merece ir para a passagem, o que vai ficar mais forte na fala do entrevistado e como encadear tudo isso no texto (BISTANE; BACELLAR, 2010, p. 23).

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem “Escalpelamento nos Rios da Amazônia” inicia com a imagem de Rosinete Serrão, vítima de *escalpelamento* aos 20 anos de idade, acompanhada de off do repórter contando a história da vítima e introduzindo o que é o *escalpelamento*. Logo em seguida, vem um gráfico que apresenta números de casos ocorridos em Rios fiscalizados pelo 4º Distrito Naval da Marinha Brasileira, que compreende o Amapá, Pará, Piauí, Maranhão e Acre.

Nos departamentos de arte, computadores e programas cada vez mais sofisticados ajudam na criação de recursos visuais para construção das matérias. Soluções como gráficos e tarjas facilitam a compreensão de relatórios e pesquisas com números e mais números (BISTANE; BACELLAR, 2010, p. 26).

O repórter faz uma passagem de dentro de uma embarcação, com objetivo de aproximar o telespectador à realidade da cena onde ocorre o acidente abordado na reportagem. O texto fala sobre a lei que obriga o uso de proteção no eixo do motor. A passagem feita no barco foi um desafio, já que o movimento da maré é intenso e o repórter encontra-se de cócoras, o que ocasionou vários erros de gravação, além do barulho incessante de outras embarcações que transitavam ao redor daquela na qual nos encontrávamos. Ao fim da passagem, o repórter cinematográfico foca a câmera no eixo do motor do barco, que na ocasião está devidamente coberto com o equipamento cedido pela Capitania.

Após a passagem entra um Off do repórter, coberto por imagem da frente da Marinha do Brasil, falando sobre a distribuição de equipamentos de proteção para o eixo motor, seguida de uma sonora do Subcomandante da Capitania dos Portos no Amapá, Paulo Antonio Carlos, que explica sobre os procedimentos para que seu grupamento disponibilize os equipamentos. Dando prosseguimento, entra um off e o Subcomandante fala a respeito das fiscalizações realizadas pela Capitania, visando coibir embarcações que trafegam de maneira irregular.

<sup>10</sup> Entrevista gravada.

<sup>11</sup> Texto lido pelo repórter, acompanhado de cobertura de imagens.

<sup>12</sup> “É o momento em que o repórter aparece na matéria. É quando ele assina o trabalho, e deve justificar essa intervenção fazendo algo imprescindível, que acrescente, que valorize a reportagem” (BISTANE; BACELLAR, 2010, p. 23).



Logo após, um Off do repórter, com apoio de imagens cedidas pelo Governo do Estado do Amapá dá enfoque para as cirurgias reparatórias realizadas pela gestão estadual. Para falar sobre como as vítimas se sentiram após as cirurgias, entra uma sonora de Rosinete Serrão. A reportagem encerra com a imagem de uma mulher em um barco que navega pelo rio, seguida de um sobe som do motor da embarcação.

A gravação dos Offs foi realizada no estúdio da Rádio Difusora de Macapá, pertencente ao Governo do Estado do Amapá. A edição do material foi feita através do programa Adobe Premiere Cs6.

A reportagem conta com dois minutos e trinta e oito segundos e teve a produção de Mayara Dias e Leonardo Souza, a pauta e a reportagem de Iuri Ramos, as imagens de Bianca Alves e a edição de Jhenni Quaresma. Todos os acadêmicos citados fazem parte da 3ª turma do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

## **CONSIDERAÇÕES**

O processo de construção da reportagem foi um desafio por ser nossa primeira experiência com o Telejornalismo, mas nos permitiu abrir ainda mais nossos olhos para um problema que nos é tão próximo e ao mesmo tempo tão esquecido. A experiência obrigou-nos a sair de nossa zona de conforto de jovens moradores da capital e ir buscar nas comunidades cada história e informação para formar o produto final de nosso trabalho.

O objetivo de uma reportagem é apresentar várias versões para um mesmo fato, informando-o, orientando-o e contribuindo para formar a opinião, por isso, escolhemos levar aos nossos telespectadores um tema tão carregado, para que eles fiquem atentos dos riscos que grande parte da população ribeirinha corre diariamente ao navegar pelos rios da Amazônia. Assim, esperamos que com nossa reportagem possamos contribuir significativamente para que tenhamos o mais breve uma Amazônia livre do *escalpelo*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo, Summus, 2003.

BECKER, Beatriz; MATEUS, Laura. “O melhor telejornal do mundo: um exercício televisual”. In: VIZEU Alfredo; PORCELLO Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010, pp. 127-155.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane: **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2010.

CARLOS, Paulo Antonio. Subcomandante da Capitania dos Portos do Amapá. Entrevista concedida à reportagem. Amapá, 15 de dezembro de 2014.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação**. São Paulo, Atual Editora, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo, Ática, 2005.

SERRÃO, Rosinete Rodrigues. Presidente da Associação de mulheres vítimas de escarpelamento da Amazônia. Entrevista concedida à reportagem. Amapá, 10 de dezembro de 2014.

LINK da Reportagem

<https://www.youtube.com/watch?v=N9tX6yqNlog>